



APRESENTAÇÃO

Indiscutivelmente a Filosofia – entendida aqui, de forma genérica, como uma categoria de pensamento sistemático que almeja significar os fenômenos do mundo e exprimir estes significados – sempre esteve atrelada à educação. A Filosofia ocidental, aquela da tradição europeia, cujas bases estão nas ilhas jônicas da Grécia antiga, ou mesmo a Filosofia Africana, que encontra suas raízes em um Egito de mulheres e homens pretos, cuja potencialidade de pensamento não pode ser desqualificada pela hegemonia da cultura eurocêntrica, têm suas origens indissociáveis de um fazer pedagógico, por assim dizer.

No caso da Filosofia tradicional, que domina os manuais escolares e compõem quase a totalidade dos currículos universitários pelo mundo, nasce, desenvolve-se e se difunde na forma de uma propedêutica. Os primeiros filósofos foram mestres que, invariavelmente, erigiam uma escola de pensamento, onde o filosofar confundia-se com a formação de seus discípulos. É, então, nesse sentido que Jaeger afirma, na introdução de sua obra *Paideia*, que “todo povo que atinge um certo grau de desenvolvimento, sente-se naturalmente inclinado à prática da educação”. Por conseguinte, podemos dizer que, da reflexão aprofundada sobre a realidade que nos cerca – e de nós mesmos – é de onde emergem os problemas educacionais. A Filosofia da Educação seria justamente esta lente da Filosofia que se empenha em problematizar e indicar soluções para os problemas inerentes aos fenômenos educacionais.

Contudo, a Filosofia da Educação, enquanto uma disciplina autônoma, derivada desse *corpus* maior que é a própria Filosofia, pode ser pensada e trabalhada a partir de três óticas distintas, ou seja, três diferentes abordagens, a saber, 1) a Filosofia da Educação pelo prisma da Educação; 2) a Filosofia da Educação pelo prisma da própria Filosofia da Educação; 3) a Filosofia da Educação pelo prisma da História da Filosofia. A diferença é sutil, porém importante para compreendermos as nuances desta disciplina.

No que diz respeito à primeira ótica, o que está em evidência são os pensadores da tradição que, em algum momento de sua produção intelectual, dedicaram-se a temas nomeadamente educacionais. Neste caso, não podemos deixar de mencionar Platão em sua obra *Teeteto*, que entre outros temas, aborda a educação *maiêutica*; Rousseau e seus conceitos de “educação negativa” e “educação naturalista” de sua obra *Emílio*; ou então, Nietzsche em seus textos de juventude *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino* e *Schopenhauer como educador*; ou Hannah Arendt em seus ensaios *Crise na educação* e *Reflexões em Little Rock*. Nesta abordagem, os filósofos em questão não são especialistas da área da educação, mas em determinada parte de sua obra, trouxeram para a discussão suas impressões sobre problemas e conceitos próprios do educar.

Em relação à Filosofia da Educação pelo prisma da própria Filosofia da Educação, os objetos de estudo e reflexão são os pensadores que dedicaram toda sua obra filosófica em pensar os fenômenos pedagógicos e, conseqüentemente, acabaram por elaborar um sistema de pensamento educacional. Neste âmbito, encontramos

O que a História da Filosofia tem a dizer à Filosofia da Educação?

autores como Paulo Freire, Dermeval Saviani, Célestin Freinet, Lev Vygotsky, Maria Montessori, entre outros. Aqui, os pensadores em perspectiva são teóricos da educação, desenvolvedores de métodos sistemáticos, cuja produção intelectual esmera, como um todo, a problematização de temas voltados à infância, ao aprender, à escola, enfim, à formação humana.

Já no que se refere à terceira abordagem, o que está em jogo são os mais diversos temas, conceitos e problemas, dos mais distintos pensadores da História da Filosofia e como estes assuntos encontram reverberações na Educação. Neste enfoque, capturamos questões clássicas da tradição filosófica que, a princípio não tem relação direta com o fazer educacional, mas que bem podem ser transportados para esta esfera, aprimorando nossa compreensão de tais fenômenos. Assim sendo, podemos nos concentrar em problemas da ética, da estética, da linguagem, da metafísica, da epistemologia, da política, entender como determinado filósofo trata desses problemas e, por fim, pensá-los em um contexto educacional.

A presente edição da *Revista Estudos de Filosofia e Ensino* tem como escopo esta última abordagem acima exposta, e propõe o seguinte questionamento: “*O que a História da Filosofia tem a dizer à Filosofia da Educação?*” Com isso em mente, convidamos diferentes autores para responderem, ao seu modo, esta provocação. O resultado é este Dossiê temático, que transcendendo sua própria questão motriz, reúne excelentes artigos que, de maneira plural, discutem com proficuidade a História da Filosofia, por meio de assuntos que, de forma patente ou sutil, ressoam na Educação enquanto problema filosófico. Estes trabalhos impelem-nos à refletir sobre quem somos e onde estamos, mas também nos constroem a questionar quem queremos ser e onde queremos estar, o que faz emergir o tema fundamental da nossa formação enquanto humanos.

O artigo de abertura do Dossiê tem a autoria do Professor Paulo Masella, intitulado “Rua sem saída: crítica, perseguição, revolta, aporia e digitalcracia”, aborda as transformações do espaço público na era digital. Com um arcabouço teórico de fôlego, reflete sobre os desafios contemporâneos da filosofia frente à digitalcracia, destacando a perda do papel crítico em tempos de polarização e superficialidade. Sua relevância reside na provocação sobre a capacidade da filosofia de questionar verdades e estruturas, especialmente diante de contextos que silenciariam a reflexão em prol da conveniência tecnológica e da persuasão retórica.

A contribuição seguinte, cabe aos autores Luís Thiago Freire Dantas e Caio Firmiano Guedes da Silva, trata-se do trabalho “Viver na Terra: uma educação pela animalidade”, que explora como a visão antropocêntrica moldou a relação entre humanos, animais e natureza, analisando a pedagogia kantiana e propondo uma reconciliação pela educação ambiental. Sua relevância está na crítica ao “clube humanidade”, que ignora a interdependência ecológica, e na sugestão de que o reconhecimento da animalidade é essencial para repensar práticas sustentáveis e evitar a perpetuação de desigualdades e crises ambientais.

O terceiro trabalho a compor este número é “Reflexões sobre o Ensino de Filosofia e as Novas Tecnologias” de Vladimir Lacerda Santafé e Diego Felipe Souza Queiroz. O artigo discute o impacto da Reforma do Ensino Médio no Brasil, destacando o enfraquecimento de disciplinas como Filosofia diante de um modelo tecnicista voltado ao mercado. Propõe a integração crítica das NTICs à educação, valorizando o pensamento crítico e a cidadania. O texto ressalta a filosofia como essencial para combater o empobrecimento curricular e promover uma formação democrática e reflexiva.

Na sequência temos o texto “A retórica filosófica no diálogo Fedro: a *psykhagogía* como modelo de aprendizagem” de Micael Rosa Silva e Bárbara de Abreu Freitas. Os Professores examinam o conceito de *psykhagogía* no diálogo *Fedro* de Platão, destacando-o como um modelo educativo que combina retórica e

O que a História da Filosofia tem a dizer à Filosofia da Educação?

dialética para a condução da alma. Ele revela como Platão redefine a retórica tradicional, priorizando uma abordagem individualizada e filosófica para transformar o interlocutor. Essa análise é relevante por oferecer *insights* sobre métodos pedagógicos contemporâneos e enfatizar a conexão entre emoções, discursos e aprendizado. A obra contribui significativamente para reflexões sobre o papel da filosofia na educação e no autoconhecimento.

Outra contribuição é o artigo “Do *λόγος* à *φαντασία*: acerca da presença de Heráclito no estoicismo antigo”, no qual o autor Bruno Fernandes trabalha as conexões filosóficas entre Heráclito e o estoicismo antigo, analisando como conceitos heraclíticos, como o *lógos* universal e a harmonia com a natureza, influenciam a ideia estoica de *phantasia kataleptiké*. Ele destaca a necessidade de alinhar o pensamento humano ao *lógos* comum para viver em conformidade com a natureza. Essa relação revela a continuidade filosófica entre Heráclito e os estoicos, enfatizando a busca por juízos corretos e a escuta da realidade. O estudo contribui para o entendimento das raízes do pensamento estoico e sua relevância para a filosofia prática.

O sexto artigo, “As epístolas como prática da sociabilidade epicurista”, tem a assinatura da Professora Rebeca Figueira Martins. Ela examina o papel das epístolas na sociabilidade epicurista, evidenciando como as cartas e as viagens de Epicuro ajudaram a disseminar e consolidar sua filosofia. A troca epistolar serviu como meio educativo, promovendo o aprendizado coletivo e a memória filosófica entre os discípulos. Além disso, destacou a amizade como pilar essencial da comunidade do Jardim, onde os ideais de uma vida feliz e tranquila eram vividos. O estudo contribui para entender o impacto das práticas comunicativas no fortalecimento das escolas helenísticas.

Encerrando o Dossiê, oferecemos uma tradução dos cinco primeiros capítulos do tratado *Subfiguratio Empírica*, de Claudio Galeno, importante médico e filósofo do período helenístico. A tradução é baseada na versão latina medieval de Nicolau de Reggio, a tradução atende uma crescente demanda de interesse na filosofia do período helenístico e na epistemologia das escolas médicas. Além disso, o trabalho conta com uma apresentação detalhada sobre Nicolau de Reggio e seu estilo de tradução, bem como sobre o processo de edição e comparação entre as traduções latinas antigas realizado por Max Bonnet.

Desejamos que os trabalhos deste número da *Revista Estudo de Filosofia e Ensino* vos tragam os desfrutes da boa leitura e, acima de tudo, reflexões filosóficas. Convocamos a todas e todos que compartilhem suas inquietações suscitadas por este Dossiê.